

Reseña bibliográfica

Revista Latinoamericana de Estudios sobre Cuerpos, Emociones y Sociedad.
N°36. Año 13. Agosto 2021-Noviembre 2021. Argentina. ISSN 1852-8759. pp. 92-94.

Ser corpo com a natureza, ser natureza com o corpo

Resenha do livro: Andrieu, B. e Nobrega, T. P. da (2020). *Emergir na Natureza: Ensaio de Ecologia Corporal*, São Paulo: Liber Ars

Por Felipe Freddo Breunig

*Universidade Federal do Rio Grande do Norte,
Brasil*

felipebreunig@yahoo.com.br

Maria Isabel Brandão de Souza Mendes

*Universidade Federal do Rio Grande do Norte,
Brasil*

isabelbsm1@gmail.com

Camila Barbosa Campelo

*Universidade Federal do Rio Grande do Norte,
Brasil*

camilacampelo05@hotmail.com

Os autores do livro “Emergir na natureza: ensaios de ecologia corporal” nos brindam com uma coletânea de ensaios que nos convidam a refletir sobre uma corporeidade que se constitui no entrelaçamento com a natureza. A partir da noção de Ecologia Corporal, os autores enfatizam gestos, práticas corporais e atitudes de engajamento com a natureza que possibilitam reflexões sobre nosso estilo de vida e modos de consumo. Dessa forma, configuram a Ecologia Corporal como uma ética da existência, na qual o corpo é protagonista, capaz de religar razão e sensibilidade, provocando uma reflexão sobre os modos de viver e de se relacionar com a natureza, o outrem e com o mundo. Assim, de uma forma muito original os autores unem ao longo dos capítulos desta obra reflexões sobre natureza e sobre ética, duas discussões importantes da tradição ocidental, que historicamente foram tematizadas separadamente.

No exercício da colaboração institucional entre a Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e a Universidade de Paris Descartes, os autores dessa obra reúnem experiências pessoais

e de projetos de pesquisa e extensão que se mesclam na construção de saberes sobre a Ecologia Corporal. Terezinha Petrucia da Nóbrega é filósofa e também possui formação em Educação Física, sendo professora titular da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), atuando no Programa de Pós-Graduação em Educação Física e no Programa de Pós-Graduação em Educação. Sua escrita é composta a partir daquilo que vive e que viveu, tendo como principal base filosófica a fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty em conjunto com os estudos do Grupo de Pesquisa Estesia, dirigido pela mesma. Bernard Andrieu também é filósofo e professor da Universidade de Paris (UFR Staps) e diretor do Instituto de Ciências do Esporte e da Saúde em Paris (URP 3625 I3SP). Suas pesquisas têm como foco a emersilogia e ecologia corporal. No decorrer das páginas nota-se uma escrita sensível que envolve o leitor, provocando um deslizamento pelos conceitos filosóficos na medida em que é possível deleitar-se com os caminhos trilhados por eles em suas trajetórias de vida.

É interessante ressaltar que o lançamento

deste livro ocorreu em 2020, ano que trouxe a toda humanidade a inédita experiência de vivenciar uma pandemia de maneira simultânea e em escala global. Governos de todo o mundo foram obrigados a tomar medidas de prevenção ao contágio e disseminação do coronavírus. A partir da experiência do distanciamento social, fomos impelidos a mudar bruscamente muitos dos nossos hábitos. Tivemos que nos adaptar a uma série de precauções e cuidados, os quais implicaram diretamente nos modos como nossos corpos se relacionam com outros corpos, com a cidade e com o ambiente. Este cenário de crise e de incertezas não ocorreu por acaso, e possivelmente se repetirá no futuro, já que a passagem de vírus de outras espécies para a espécie humana é favorecida pelo crescente desequilíbrio ecológico causado por uma hiperexploração cada vez maior da natureza e dos seus recursos. Somos convocados a refletir sobre nossos modos de viver em sociedade, nossos hábitos de consumo, e principalmente na maneira como compreendemos e nos relacionamos com a natureza.

Portanto, esta obra surge em um momento crucial para toda humanidade, e os autores propõem-se a lançar novos olhares e compreensões acerca da natureza, contribuindo com o desenvolvimento de formas menos predatórias e fragmentadas de se relacionar com ela, a partir de nossos próprios corpos. Tomando como base a perspectiva ontológica de Merleau-Ponty, a natureza é compreendida pelos autores neste livro como solo de nossa existência, e não como um objeto exterior ao ser: nosso corpo, nossa psique e nossa subjetividade estão inscritas na história de nossa espécie, assim como esta última está inscrita na história da vida no nosso planeta. Esta compreensão norteia a obra em sua totalidade e ampara, ao longo de seus capítulos, a discussão conceitual proposta pelos autores, possibilitando compreendermo-nos enquanto seres que também são natureza.

O livro é dividido em duas partes: a primeira delas é intitulada *Imersão do corpo na natureza, e a segunda parte Estesiologia e Ecologia Corporal*. Todavia, tal como um corpo no mundo, cujo esquema corporal se configura em situação, este livro abre-se a quem o lê conforme e por onde este o abre, possibilitando que o leitor faça sua leitura não necessariamente de maneira linear. Cada um dos capítulos fornece narrativas e reflexões muito singulares, que podem ser livremente encadeadas entre si, possibilitando que o leitor faça o livro dialogar com suas próprias vivências e percepções sobre o tema.

O primeiro capítulo da primeira parte inicia com uma discussão sobre o Naturismo, compreendido

como prática que busca a harmonia com a natureza através da nudez vivenciada de modo individual e coletivo, cuja premissa é o respeito ao corpo do outro e ao meio ambiente. No decorrer do capítulo é discutido o conceito de estesiologia desenvolvido por Merleau-Ponty, ou seja, o “sentir mesmo” que não se limita ao pensamento, sendo antes de qualquer racionalização a percepção corporal que se dá no mundo e com o outro. Desse modo, no naturismo a estesiologia se faz presente na medida em que se percebe o contato corporal com os elementos da natureza, mas também com as concepções de “nu” existentes e constitutivas das normas sociais. A aderência aos elementos por meio do contato direto provoca uma ecologização capaz de deslocar percepções estabelecidas, seja a respeito dos tabus do nu na sociedade, ou das próprias responsabilidades individuais e coletivas

O segundo capítulo apresenta a discussão paradoxal entre a superproteção em relação à exposição ao sol e a realização da prática de bronzamento natural que tem a finalidade estética como elemento central. A Ecologia Corporal aposta em um contato que favoreça a sensação solar, energética, em detrimento ao modelo estético que acaba limitando a experiência daqueles que fogem ao padrão corporal, além de fomentar práticas que podem ser prejudiciais à saúde.

Os autores apresentam no terceiro capítulo a experiência de pesquisa realizada junto com praticantes de esportes na natureza, mais especificamente o *kitesurf* e o *windsurf*. Partindo dos relatos dos praticantes, e através da redução fenomenológica, as interpretações direcionam o olhar para a estesiologia e a ecologia corporal, dando visibilidade ao sentir e às novas formas de ser corpo construídas na relação com o corpo próprio, o corpo do outro e a natureza, em um exercício de percepção e reflexão de si.

No quarto capítulo, os autores refletem sobre a importância de “fazer corpo com a Terra” (ANDRIEU; NÓBREGA, 2020: 90), no sentido de que a experimentação seja propulsora de mudanças em relação às nossas atitudes. Os autores vão apontar que a falta do contato com a Terra provoca “a aversão e o desrespeito aos territórios e as identidades territoriais, alimentam o nacionalismo extremo e a poluição a longo prazo” (pag. 91). Trazem também perspectivas diversas sobre a geografia, sendo uma delas a “geografia afetiva” de Eric Dardel, que traz a noção de área como uma experiência vivida.

A segunda parte do livro inicia com dois capítulos sobre dança. O primeiro deles discorre sobre a experiência de um projeto realizado por uma companhia de dança, que ocupou uma praia do

nordeste brasileiro com apresentações artísticas. Os relatos das vivências dos dançarinos falam sobre o dançar na natureza de uma maneira não segregada dela. Mostram a compreensão de sua prática de forma poética, estética e transformadora, fundada em um sentir intercorpóreo que se mistura com os elementos naturais, com o público e com representações sociais capazes de abrir possibilidades para novas formas de fazer corpo com o mundo.

O segundo capítulo da segunda parte traz o conceito de *Eco-coreografia sensorial*. Partindo da noção de coreografia na dança, que pode estar presente em um contexto artístico, educacional ou clínico, os autores enfatizam a experiência do corpo vivo em seu entrelaçamento com temporalidades e espacialidades subjetivas. Corpo que expressa sentimentos e que pode impulsionar criações artísticas, e também na vida. Como exemplo de um trabalho que conversa com a noção de eco-coreografia, os autores inserem as percepções de Anna Halprin sobre o movimento, a qual defende a importância de entrelaçar diretamente corpo, gestos, emoções e pensamentos com a natureza e seus ritmos, e também abrangendo diferentes classes sociais, grupos étnicos e habilidades físicas.

O terceiro capítulo continua a tratar da potência de experiências na natureza, dessa vez, em situações de sobrevivência relatadas em livros construídos com foco biográfico. As aventuras escolhidas falam de viagens ao polo norte, ao deserto, escaladas e travessias. Os autores trazem os conceitos de *dismose* e *cosmose* para falar das relações desencadeadas pelo corpo frente às situações extremas vividas, sendo a *dismose* o “afastamento de nossas técnicas de corpo das condições naturais” (pag. 132), que acaba colocando o corpo em situações inesperadas; e a *cosmose* como “um estado emersivo, exigindo um relaxamento da consciência e uma aceitação profunda do ser atravessado pela informação ecológica produzida por nossa sensibilidade” (pag. 136). Os exemplos de experiência de profunda imersão na natureza em situações de sobrevivência ilustram os conceitos de *dismose* e *cosmose*, tendo como base as alterações do esquema corporal decorrentes da relação íntima com a natureza.

O quarto e último capítulo da segunda parte, que finaliza o livro, discute as obras de Georges Hébert e Jacques-Dalcroze, as quais tem como eixos principais o destaque do movimento em sua qualidade e expressão no espaço e no tempo. A partir disso, mostram como corpo, natureza e cultura estão intrinsecamente relacionados e caminham juntos na construção de ideais morais, sociais e estéticos,

opondo-se à modernidade industrial que distancia a experiência junto da natureza.

A obra em seu conjunto propõe um deslocamento de um olhar predominantemente racionalista em direção a um sentir que integra mente, corpo, sociedade e natureza. É provocativa e nos convoca a tarefa ética de construir uma responsabilidade alicerçada na experiência sensível e na natureza que também somos. Aponta para uma educação constituída com e na natureza, enquanto prática espontânea capaz de fomentar uma relação de intimidade com os seus elementos. Ao mesmo tempo, tal perspectiva mostra-se como desafio, já que vivemos em uma sociedade global capitalista pautada pela lógica do consumismo, que fomenta a construção de relações utilitaristas com o próprio corpo, com o outro e com o mundo, os quais tornam-se cada vez mais meros objetos a serem consumidos. Na América Latina esse desafio parece ainda maior, já que de modo geral o contexto dessa região é marcado por profundas desigualdades sociais e baixo investimento em políticas públicas, existindo importantes barreiras de acesso para a maioria da população a práticas que possibilitem ressignificar suas perspectivas de corpo e de natureza.

Bibliografia

ANDRIEU, B. e NÓBREGA T. P. da (2020). Emergir na Natureza: Ensaio de Ecologia Corporal, São Paulo: Liber Ars